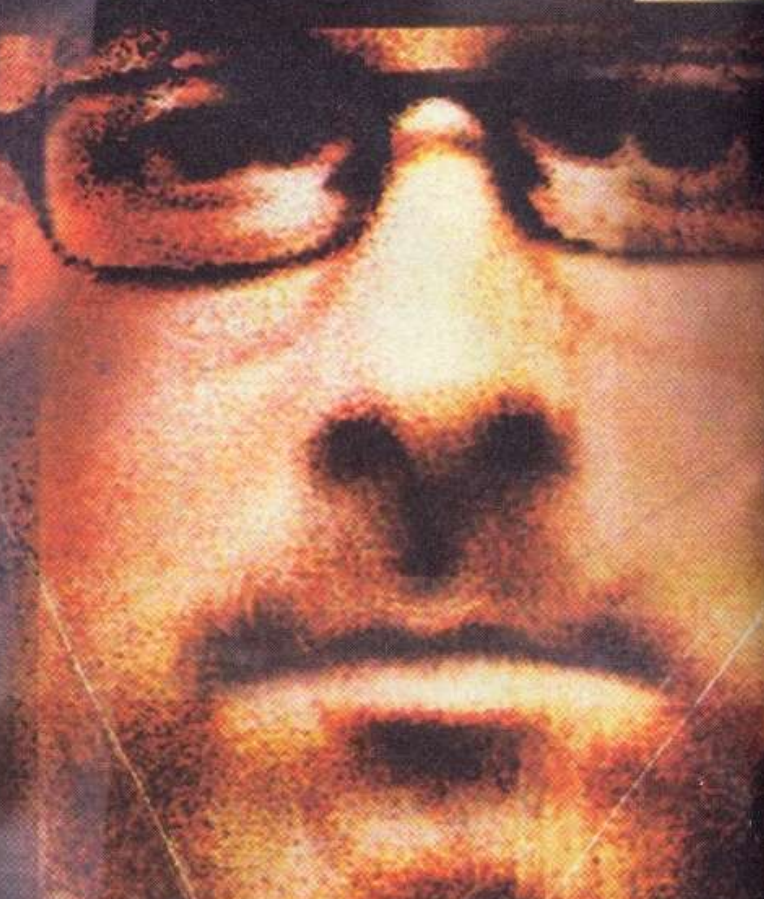


911

911





UM CRIME QUASE PERFEITO

Os detetives acreditaram que Donnah fora morta por um desequilibrado. Mas a história era bem diferente.

POR ROBERT F. HOWE

AOS 31 ANOS, Donnah Winger não podia estar mais feliz. A instrumentadora cirúrgica encontrava-se no escritório do marido, Mark, no Departamento de Segurança Nuclear de Illinois, para exibir Bailey, a menina de 3 meses que estavam adotando. Os colegas de Mark paparicavam o bebê e comentavam como o casal parecia agora realmente completo. “Ela sempre quis ter uma família”, conta o padrasto de Donnah, Ira Drescher, ao explicar que um problema médico a impedia de

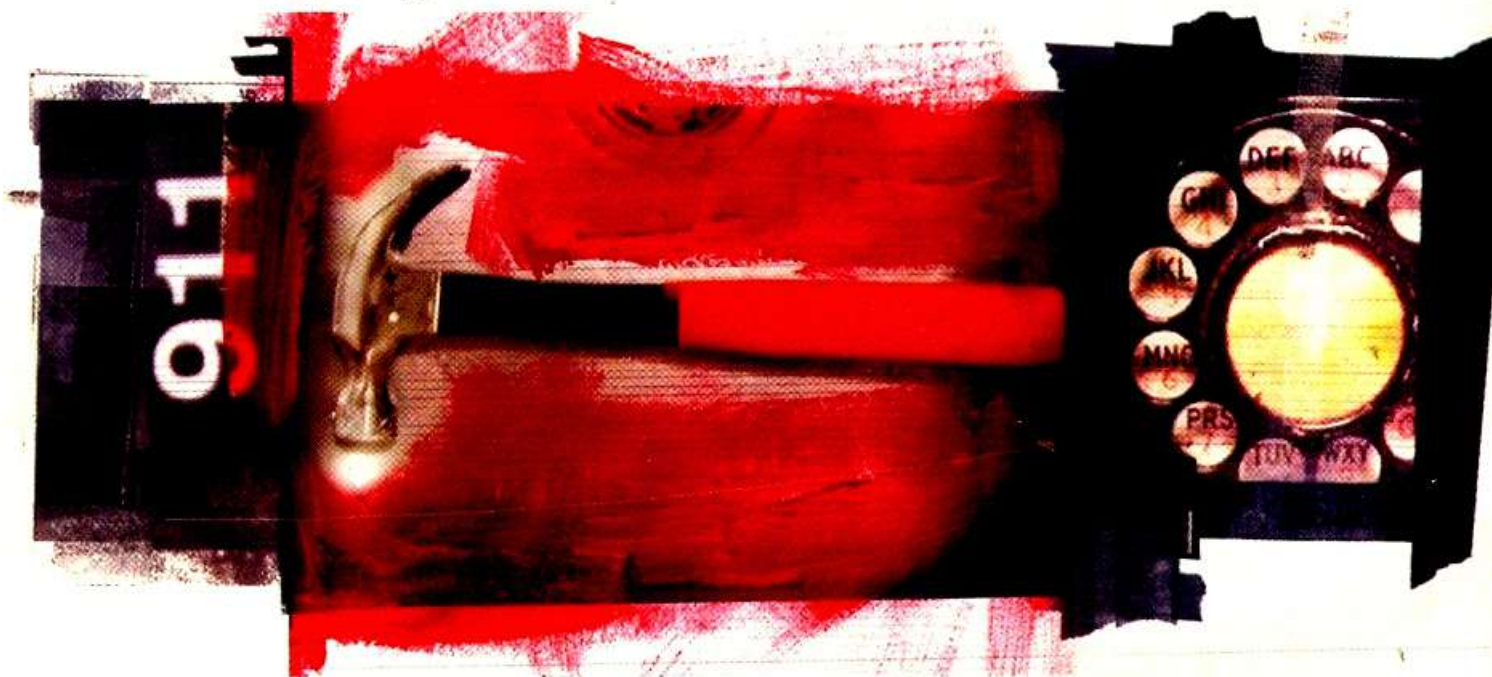
ter filhos biológicos. “Esse era o seu maior sonho.”

Naquela tarde, pouco depois que os orgulhosos pais retornaram à sua modesta casa de tijolos na Westview Drive, em Springfield, Mark desceu ao porão para se exercitar. Enquanto corria na esteira, ouviu um forte ba-

então ergueu o martelo para desferir outro golpe. Mark apontou e atirou duas vezes na cabeça do homem. Desesperado, ligou para a Emergência.

Quando a polícia chegou, encontrou Mark inclinado sobre Donnah, que jazia com o rosto voltado para baixo sobre uma poça de sangue. Um

AJOELHADO SOBRE DONNAH, ELE GOLPEAVA COM FORÇA SUA CABEÇA COM UM MARTELO.



que no andar de cima. Alarmado, subiu aos saltos os degraus do porão e, ouvindo o bebê chorar, virou à direita e entrou no quarto da menina. Ao encontrar Bailey aos prantos, sozinha na cama, Mark pegou a pistola semi-automática calibre 45 escondida na mesa de cabeceira e correu para a sala de jantar.

Ali, viu um desconhecido ajoelhado sobre sua mulher, golpeando-a violentamente com um martelo. O agressor parou, olhou para Mark e

policial, que tinha uma câmera no carro, tirou três fotos rápidas da cena do crime enquanto a equipe de socorro atendia Donnah e seu agressor, ambos ainda apresentando pulsação débil. A polícia então conduziu Mark a seu quarto, onde ele, com a voz trêmula, contou em detalhes o que havia presenciado. Quando um dos policiais o informou de que uma carteira de habilitação identificava o invasor como Roger Harrington, Mark exclamou: “É esse o sujeito!”

Ele explicou que Donnah havia conhecido Harrington na quarta-feira anterior, 23 de agosto, ao retornar com Bailey de uma visita aos pais dela na Flórida. Ela embarcara numa *van* para ir do aeroporto de St. Louis para casa, e Harrington, 27 anos, era o motorista. Ele a havia aterrorizado, dirigindo em alta velocidade, contando como um espírito ameaçador chamado Dahm às vezes o incitava a machucar as pessoas. Também se vangloriou de orgias que se davam em seu *trailer* na zona rural do condado de Sangamon.

Mark disse que estava numa conferência em Chattanooga, Tennessee, quando Donnah ligou e contou sua torturante experiência. Ele a instruiu a escrever uma nota narrando o ocorrido e em seguida telefonou ao empregador de Harrington para fazer uma queixa. Poucos dias depois, ligou pessoalmente para o motorista, já suspenso, a fim de avisá-lo para que ficasse longe de sua família.

Enquanto Mark concluía o arrepiante relato, Donnah e Harrington foram levados para o hospital, onde morreram em menos de uma hora. Nesse meio tempo, investigadores conferiram a história de Mark. Na porta da geladeira encontraram a nota de Donnah sobre o incidente com Harrington. Ao investigarem a vida dele, descobriram que era divorciado, que tinha abandonado a escola no secundário, que já havia sido preso por agressão e também que estivera internado por curto período numa instituição psiquiátrica.

Souberam também que contara a várias pessoas sobre o espírito maligno, Dahm – nome que dera à máscara de Halloween que guardava no *trailer*. A polícia logo se convenceu de que os Wingers haviam sido vítimas de um psicopata.

Todos os policiais estavam de acordo, exceto um. O detetive Doug Williamson, relativamente novo no departamento de homicídios, embora relutasse em contradizer os colegas mais experientes, sentia-se desconfortável com a história. “Winger ligava e desligava as emoções com muita facilidade, mas nunca chorava”, recorda Williamson, hoje sargento da polícia de Springfield. “Aquilo não era normal.”

E havia mais. Mark alegou que havia aninhado a cabeça de Donnah em suas mãos enquanto ela jazia no chão da sala de jantar, lutando contra a morte. No entanto, Williamson conta que percebeu que Mark tinha sangue nas costas da mão direita, e não na palma. Além do mais, parecia estranho que um marido amoroso confortasse a mulher enquanto ela lutava para respirar e depois a colocasse de rosto para baixo, como foi encontrada, sobre o tapete encharcado de sangue.

EM FRENTE à casa dos Wingers, Williamson havia examinado um Oldsmobile Delta 1988 marrom estacionado na contramão. Como suspeitava, pertencia a Harrington. No interior do carro, algo

chamou sua atenção. Havia um comprovante de depósito bancário em branco sobre o assento dianteiro. No verso estava anotado o endereço dos Wingers, o nome de Mark Winger e um horário: 16h30, aproximadamente a hora do crime.

No dia seguinte às mortes, Mark esteve mais uma vez com os detetives, que terminavam a investigação.

para confortar o marido deprimido. Parecia um ponto final em um caso terrível. Muito mais, porém, estava por vir. Williamson não conseguia afastar as dúvidas e, com o tempo, outros começaram a sentir que havia algo errado.

NAS PRIMEIRAS NOITES após a morte de Donnah, Mark se hospedou na ca-

AS ROUPAS COM SANGUE, A ARMA, O BILHETE E O RECIBO FORAM ARQUIVADOS. CASO ENCERRADO.

Ao lhe perguntarem se notara algo de estranho na casa, Mark mencionou uma caneca e um maço de Marlboro que haviam sido deixados na sala de jantar. Os detetives concluíram que os itens pertenciam a Harrington, mas Williamson estranhou que um assassino levasse com ele cigarros e uma caneca.

Williamson se dispôs a procurar novas pistas, entretanto seus superiores estavam convencidos da culpa de Harrington. “São excelentes profissionais”, afirma Williamson, que não insistiu em esclarecer suas dúvidas. “Mas, por alguma razão, eles se equivocaram na interpretação dos fatos.” As provas, incluindo todas as roupas ensanguentadas, a arma, o bilhete de Donnah, o comprovante de depósito encontrado no carro de Harrington e as fotos, foram arquivadas. Caso encerrado.

A família e os amigos se uniram

sa do rabino Michael Datz. O rabino e a mulher, seus amigos, esperavam um filho e dispunham de um quarto de bebê que Bailey poderia ocupar. Deann Schultz, enfermeira especializada em cirurgia e uma das melhores amigas de Donnah, também dormiu na casa do rabino na primeira noite. “Deann ficou conosco supostamente porque era enfermeira e mãe, e saberia cuidar de Bailey”, recorda o rabino. Mas ele acrescenta: “Não tínhamos idéia do que estava acontecendo de fato.”

Poucos meses depois, Mark contratou uma babá para Bailey, Rebecca Simic. Rebecca e Mark logo se envolveram e casaram-se em outubro de 1996, mudando-se para uma casa de fazenda nas proximidades, em Pleasant Plains. O casal teve três filhos.

Nos anos seguintes, Mark Winger manteve contato freqüente com os investigadores. “Mark não parava de

telefonar”, conta Williamson. “Ligava e dizia ‘Vou me casar’ ou ‘Vou passar por aí para pegar minha arma’.” Ele os procurava tanto que despertou as suspeitas do parceiro de Williamson, o detetive Charlie Cox, que achou que Mark talvez estivesse tentando se assegurar de que o caso havia sido mesmo encerrado. Depois disso, Cox e Williamson passavam quase todos os momentos livres discutindo as mortes. “Sempre existem casos que deixam questões pendentes”, diz Williamson. “Mas, quando íamos tomar uma cerveja ou pescar, era esse o caso sobre o qual conversávamos.”

NO INÍCIO DE 1999, a polícia teve a oportunidade de esclarecer essas dúvidas, quando um advogado ligou dizendo que Deann Schultz desejava depor. Ela havia entrado em tal desespero após a morte da amiga que por quatro vezes tentara acabar com a própria vida. Por fim, seu psiquiatra convenceu-a a revelar o terrível segredo. A história que contou começou poucas semanas antes do crime. Logo depois de confidenciar a Donnah que estava infeliz no casamento e que pensava em reatar com um antigo namorado, Deann recebeu um telefonema de Mark e ele disse que se sentia atraído por ela. Em questão de dias começaram um caso em um hotel de Illinois e mais tarde se encontraram na picape vermelha de Mark, próximo a um parque infantil das redondezas.

Deann declarou que ele a levou a crer que um dia ficariam juntos. Numas de suas mais reveladoras recordações, ele havia dito: “Seria mais fácil se Donnah morresse.” E havia mais. Os Wingers haviam contado a Deann e ao marido dela sobre o percurso assustador com Harrington, e Deann afirmou que sabia a quem Mark se referia na véspera dos assassinatos, quando ele disse: “Preciso trazer aquele motorista à minha casa.”

Deann recebeu imunidade e seu testemunho em juízo não poderia ser usado contra ela. O detetive Jim Graham, que conversou diversas vezes com Deann, lamenta que, apesar de tudo que Mark disse, “ela nada fez para impedi-lo”.

Deann Schultz foi incapaz de evitar o crime, mas sua história era o que a polícia precisava para reabrir o caso. O primeiro passo dos investigadores foi recuperar as roupas ensanguentadas que haviam sido coletadas como provas na época do crime e enviá-las a um perito, que encontrou salpicos do sangue de Donnah nas roupas de Mark, mas não nas de Harrington. Além do mais, notou que a presença de resquícios do sangue de Donnah na parede da sala de jantar era incongruente com as circunstâncias do crime relatadas por Mark.

Só então a polícia foi analisar em detalhe as fotos da cena do crime, arquivadas em invólucros fechados sem jamais serem examinadas. Mostravam que a posição do corpo de Harrington era totalmente diferente daquela descrita por Mark.



UMA DAS PROVAS MAIS CONTUNDENTES ESTAVA NAS MÃOS DA POLÍCIA DESDE O INÍCIO.

Os investigadores tornaram a ouvir as gravações do telefonema à Emergência. Mark desligara no meio da ligação. “Dá para ouvir os gemidos de Harrington ao fundo”, diz o promotor John Schmidt. “Então Mark diz: ‘O bebê está chorando. Preciso desligar. Ligo em seguida’ e clique.”

À luz da gravação, a polícia passou a dar importância a uma declaração feita anteriormente por uma vizinha de Mark, que afirmara que às 16h30, por volta da hora em que Mark desligou, ela ouviu um tiro. Mark insistiu que disparou dois tiros consecutivos

em Harrington; no entanto, a polícia agora concluía que os disparos foram feitos com minutos de intervalo, o segundo a fim de silenciar Harrington. Na verdade, as marcas de sangue no chão sugeriam que Mark rolou Harrington de costas antes de disparar a segunda bala na testa do homem.

Mas talvez a prova mais contundente estivesse nas mãos da polícia desde o início: a nota encontrada no carro de Harrington. Mark alegou que havia ligado para Harrington na manhã da morte da mulher para lhe dizer que ficasse longe de Donnah.

A polícia soube, porém, por três pessoas que estavam no *trailer* de Harrington no momento do telefonema, que ele tinha sido chamado para ir à casa de Mark Winger às 16h30 – detalhes que Harrington anotou num comprovante de depósito de um amigo que dividia o *trailer* com ele.

Tudo se encaixou quando se soube de uma ligação horripilante que Deann Schultz afirma ter recebido mais cedo, na mesma tarde dos homicídios. Era Mark, e ele lhe perguntara: “Você vai continuar a me amar, aconteça o que acontecer?”

Por fim, em 23 de agosto de 2001, Mark Winger foi preso e mantido sob fiança de 10 milhões de dólares.

Durante o julgamento, os promotores pintaram um quadro tétrico do que acreditavam ter acontecido na casa dos Wingers no dia do crime. Harrington chegou como solicitado, desarmado, e deixou a caneca e os cigarros na sala de jantar antes que Mark o levasse à cozinha, onde a nota de Donnah estava pendurada na geladeira. Harrington pode ter se inclinado para lê-la, ou talvez tenha sido forçado a se ajoelhar sob a mira de uma arma. Em seguida, Mark disparou um tiro em sua cabeça. Quando Donnah, que brincava com Bailey no quarto, correu para ver o que havia ocorrido,

Mark a golpeou com o martelo. Ela caiu de bruços e ele a atingiu no mínimo mais seis vezes, espirrando sangue na parede adjacente.

Os jurados decidiram que a acusação da promotoria era convincente. Em 5 de junho de 2002, Mark Winger, então com 40 anos, foi considerado culpado de dois homicídios. Ele cumpre pena de prisão perpétua sem direito a condicional e, ainda alegando inocência e insistindo ter sido vítima de uma armação por parte de Deann Schultz, apelou da condenação. (Bailey e seus outros três filhos moram com sua mulher, Rebecca, que continua a apoiá-lo.)

Um elemento vital no caso ainda não foi esclarecido: o motivo. Alguns observadores acreditam que foi o caso extraconjugal – Mark temia que Donnah descobrisse seu envolvimento com Deann, exigisse o divórcio e levasse Bailey com ela. Outros acham que foi a ganância. Depois da morte de Donnah, Mark recebeu cerca de 200 mil dólares do seguro e mais 25 mil dólares do fundo estadual para vítimas de crimes. No fim, os investigadores suspeitam que Mark foi motivado por uma conjugação de fatores. Mas existe uma certeza, afirma Ira Drescher: “Minha família ficou destruída. Ele nos traiu a todos.”

JÁ OUVIU A DO...?

- Presidiário hipocondríaco? Teve prisão de ventre.
- Amolador de facas que se demitiu? Não agüentava mais as amolações do dia-a-dia.
- O astronauta claustrofóbico? Precisava de espaço. JAMES BRINK, EUA